

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



luizazedo.df@dabr.com.br



Doze mil vezes favela, um retrato da crise urbana

A vida banal nas favelas, como diria o mestre Milton Santos, foi relegada a segundo plano pelas políticas públicas e capturada por grupos criminosos: milicianos e traficantes de drogas.

Sessenta e dois anos depois, o filme *Cinco Vezes Favela* hoje parece uma visão ingênua e glamourizada de problemas que somente se agravaram desde então. São histórias de um cotidiano que ficou para trás, muito longe da própria realidade em que se transformou. Produzido pelo Centro Popular de Cultura da UNE (União Nacional dos Estudantes), em 1962, ao lado dos primeiros filmes de Nelson Pereira dos Santos e Glauber Rocha, é obra seminal do Cinema Novo. O filme apresenta cinco histórias separadas, com trilhas sonoras de Carlos Lyra, Hélcio Milito, Mário Rocha e Geraldo Vandré.

Com Flávio Migliaccio, Waldir Fiori, Isabela e Alex Viany, sob direção de Marcos Farias, *Um Favelado* conta a história de João, um morador da favela que é espancado por não ter como pagar o aluguel. Ao pedir ajuda a um amigo, acaba envolvido num assalto. Dirigido por Miguel Borges, *Zé da Cachorra*, com Waldir Onofre, João Ângelo Labanca, Cláudio Bueno Rocha e Peggy Aubry, retrata a revolta de um líder da favela contra um grileiro que engana e suborna os favelados, com objetivo de construir um edifício no lugar.

Em *Couro de Gato*, de Joaquim Pedro de Andrade, reúne Francisco de Assis, Milton Gonçalves, Cláudio Correia e Castro, Riva Nimitz e os garotos Paulinho, Sebastião, Damião e Aylton, um grupo de meninos que descem o morro para roubar gatos e vendê-los a um fabricante de tamborim.

Cacá Diegues dirige *Escola de Samba, Alegria de Viver*, interpretado por Abdias do Nascimento, Oduvaldo Viana Filho, Maria da Graça e Jorge Coutinho, o drama de um jovem sambista que assume a direção da escola poucos meses antes do Carnaval, em meio a dívidas, rixas com a escola rival e conflitos com a esposa Dalva. *Pedreira de São Diogo* é o quinto episódio, com Sadi Cabral, Francisco de Assis, Glauce Rocha, Joel Barcellos, Cecil Thiré e Jair Bernardo, sob direção de Leon Hirszman: uma favela sobre uma pedreira corre risco de desabamento por causa das explosões de dinamite.

As histórias se remetiam a situações reais. Por exemplo, a da favela da Praia do Pinto, localizada entre o Leblon e Lagoa, que viria a ser erradicada, no Rio de Janeiro. Numa madrugada de maio de 1969, em meio às ameaças de remoção, cerca de mil barracos foram destruídos pelas chamas, deixando nove mil pessoas desabrigadas. Os moradores foram levados para conjuntos distantes, como Cidade Alta e Cidade de Deus, e alguns para a Cruzada São Sebastião, vizinha à favela. Na área foi erguido um condomínio conhecido como Selva de Pedra e, mais recentemente, o Shopping Leblon.

Grande mercado

Nesta semana, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou o Estudo sobre Favelas e Comunidades Urbanas, baseado nos dados do Censo 2022, que revela a expansão da população favelada e do número de favelas em todo o Brasil. É o retrato de uma crise urbana sem solução à vista. Mostra que a Rocinha, localizada na Zona Sul do Rio de Janeiro, a favela mais populosa do país, com 72.021 habitantes e 30.371 domicílios, continua em expansão e, agora, verticaliza-se. Sol Nascente, no Distrito Federal, com 70.908 moradores e 21.889 domicílios, não parou de se expandir horizontalmente e começa a se verticalizar. Na terceira posição, Paraisópolis, em São Paulo (SP), abriga 58.527 pessoas.

O número de favelas no Brasil dobrou de 6.329 em 2010 para 12.348 em 2022, um fracasso das políticas urbanas, sobretudo habitacionais, para seus 16,3 milhões de brasileiros. Entre as 20 maiores favelas do país, oito estão na Região Norte, sendo sete em Manaus (AM), indicando uma alta concentração na Amazônia, onde cerca de 34,7% da população vive em áreas de favela; em seguida vêm o Amapá, que tem 24,4% da população, e o Pará, 18,8%, a sede da 30ª Conferência Mundial do Clima da ONU, a COP-30, em novembro de 2025. A favelização reflete as dificuldades de sobrevivência das populações ribeirinhas tradicionais.

A favela é a síntese da iniquidade social brasileira. Não por acaso, a população é mais jovem do que a média nacional, 30 anos, enquanto a do país é de 35; seu índice de envelhecimento é menor, com 45 idosos para 100 habitantes, contra 80 de média nacional. Em relação à diversidade racial, predominam pardos (56,8%) e pretos (16,1%), ante 45,3% e 10,2% de média nacional. O número de pessoas brancas nas favelas (26,6%) é bem inferior ao índice nacional, de 43,5%.

A vida banal nas favelas, como diria o mestre Milton Santos, foi relegada a segundo plano pelas políticas públicas, subordinadas a grandes interesses privados, e capturada por grupos criminosos, milicianos e traficantes de drogas, que exploram suas principais atividades econômicas. Há uma simbiose entre a economia formal e as atividades econômicas informais das favelas, porque uma complementa a outra. Não é só o fornecimento de mão de obra barata e serviços eventuais, pessoais e domésticos. O melhor exemplo é a reciclagem, que reaproveita mais de 90% das latas de alumínio.

As favelas são um mercado consumidor importante, mas não têm a contrapartida dos serviços públicos: são apenas 896 escolas, 2.792 farmácias e alguns postos de saúde, em contraste com impressionantes 50.934 templos religiosos, que funcionam como espaço de convivência e assistência social, de um total de 958.251 estabelecimentos, a maioria comerciais. Se as favelas brasileiras fossem um Estado, seriam o 5º maior em número de domicílios e o 7º maior em renda.

AÇÃO PENAL

Ministro do Supremo pediu destaque e interrompeu análise do caso no plenário virtual. Já havia maioria para manter a condenação do ex-presidente

Mendonça adia julgamento de Collor

O ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) André Mendonça interrompeu ontem o julgamento virtual de recurso da defesa do ex-presidente Fernando Collor de Mello contra sua condenação por crimes de corrupção passiva e lavagem de dinheiro. Mendonça pediu destaque durante a sessão, ou seja, que a discussão recomece de forma presencial na sede do STF. A Corte já havia formado maioria para manter a condenação de Collor a oito anos e três meses de prisão, ocorrida no ano passado. O caso é um desdobramento da Operação Lava-Jato.

O pedido de destaque significa, em termos práticos, que o julgamento do recurso será reiniciado. Os ministros não são obrigados a manter as decisões que tomaram no plenário virtual. Até o momento, o placar estava em seis votos contra o recurso de Collor – ou seja, para manter a pena – e dois a favor.

O relator do caso, ministro Alexandre de Moraes, não viu irregularidades na condenação. Da mesma forma, Edson Fachin, Flávio Dino, Cármen Lúcia, Luís Roberto Barroso e Luiz Fux também votaram para que a condenação fosse mantida. Já Dias Toffoli e Gilmar Mendes votaram para reduzir a pena para quatro anos, por entenderem que houve um erro no cálculo do tempo de prisão. Após Mendonça, o último magistrado a votar seria Nunes Marques. Cristiano Zanin se

Gustavo Moreno/SCO/STF



Decisão do ministro André Mendonça, do STF, leva o julgamento para a estaca zero

declarou impedido de participar do julgamento, pois atuou como advogado em casos da Lava-Jato. À época, ele defendeu o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que também chegou a ser condenado e preso, mas teve todas as penas anuladas posteriormente. Ainda não há data para a retomada da votação, que será decidida pelo presidente da Corte, ministro Luís Roberto Barroso.

Collor foi condenado em maio de 2023 por ter recebido R\$ 20 milhões em propina para realizar indicações políticas para a BR Distribuidora, uma subsidiária da

Petrobras. Os crimes ocorreram entre 2010 e 2014, segundo denúncia da Procuradoria-Geral da República (PGR) apresentada em 2015, quando Collor era dirigente do PTB. Dois ex-assessores do político também foram condenados no caso, mas poderão trocar as penas por serviços comunitários.

O julgamento virtual do recurso já havia sido adiado, quando Toffoli pediu vista – mais tempo para análise do caso – em junho. Ele foi retomado em 1º de novembro, e deveria acabar nesta segunda-feira. Agora, não há prazo à vista. Após o fim da votação

sobre o recurso, a defesa de Collor poderá apresentar ainda um segundo recurso, a ser avaliado no STF. O ex-presidente só poderá ser preso após o caso transitar em julgado, ou seja, não haver mais recursos cabíveis.

Collor foi presidente da República entre 1990 e 1992, e sofreu um impeachment após um escândalo de corrupção em seu governo, comandado pelo seu tesoureiro de campanha, PC Farias. Ele ficou inelegível até 2000. Em 2007, foi eleito como senador por Alagoas e exerceu dois mandatos, até 2023.

COP-29

Governo apresenta nova meta climática

O governo brasileiro anunciou a nova meta climática do país que será entregue na Conferência das Nações Unidas sobre o Clima (COP-29), que começa amanhã, em Baku, no Azerbaijão. O País assume o compromisso em reduzir suas emissões líquidas de gases de efeito estufa de 59% a 67% em 2035, na comparação aos níveis de 2005. Isso equivale, segundo o governo, a uma redução de emissões para alcançar os limites de 1.050 a 850 milhões de toneladas de gás carbônico em 2035. A meta do país para limitar gases do efeito estufa é chamada de Contribuição Nacionalmente Determinada. Dados divulgados pelo Sistema de Estimativas de Emissões de Gases de Efeito Estufa (Seeg) do Observatório do Clima, mostraram que o Brasil emitiu 2,3 bilhões de toneladas brutas de gases de efeito estufa em 2023 (queda de 12% em relação ao ano anterior), mas o país se mantém em um patamar elevado. É o quinto maior emissor de gases estufa do mundo. A principal frente do Brasil para tentar cumprir suas metas de redução de emissões é o combate ao desmatamento. Na Amazônia, apesar das quedas recentes, a seca histórica na região e outros fatores têm colocado a floresta em risco. De janeiro a novembro deste ano, por exemplo, foram registrados 123.361 focos de incêndio no bioma, segundo dados do Inpe. O número representa um aumento de cerca de 48% no número de queimadas em comparação com o mesmo período de 2023 (83.356)



Boletim informativo das Organizações PaulOctavio

Informe Publicitário

10 DE NOVEMBRO DE 2024 | BRASÍLIA/DF



TERRAÇO SHOPPING, 25 ANOS

FESTA CELEBRA PARCERIA COM LOJISTAS E A IMPRENSA

Neste domingo, o Terraço Shopping completa 25 anos de história na vida dos brasilienses. Conhecido por seu estilo aberto, inspirado no famoso Coconut Grove, de Miami, o empreendimento tem restaurantes de ponta, grandes lojas e atrações culturais e infantis para oferecer todo conforto que o cliente precisa.

Para celebrar a data, o superintendente do Terraço Shopping, Ricardo Vieira, organizou uma festa para lojistas e a imprensa. Na ocasião, foram homenageadas as nove empresas que estão no mal desde a abertura: os lojistas Luciana Vargas (Hat Shop), Thiago Zanello (Kopenhagen) e Enius Marcus de Moraes Muniz (Lord); os donos de restaurantes Marcus Mello (Dona Lenha), Edson Costa (Marietta) e Nadim Haddad (McDonalds), Adriana Adnet, a sócia da Academia Júlio Adnet, e Sônia Regina Sousa Elias, do Victoria Café.

Em sua fala, o empresário Paulo Octávio destacou a importância desta longa parceria com os lojistas. "No dia da inauguração, há 25 anos, caiu uma chuvarada. Ficamos todos ensopados, inclusive o governador Joaquim Roriz, que nos prestigiou. Nós trabalhamos muito e tem valido a pena. Voltamos aqui, 25 anos depois, sem chuva, ao lado dos amigos e dos parceiros da imprensa e lojistas, para celebrar este momento", disse, antes de homenagear Marcos Gomes, gerente de Facilities, que está há 27 anos no empreendimento, desde as obras.

www.paulooctavio.com.br